

2024

Análise de Campanha

CASTANHA

ÁREAS DE MERCADO - SOUTOS DA LAPA,
TERRA FRIA E PADRELA

ELABORADO POR

Suzana Antunes Fonseca
Divisão de Programas e Avaliação

ÍNDICE

1	ENQUADRAMENTO	4
2	PRODUÇÃO.....	6
2.1.	Incidência geográfica	6
2.2.	Variedades/cultivares	9
2.3.	Caracterização tecnológica	11
2.4.	Condicionaismos de natureza climatérica e fitossanitária	14
2.5.	Condicionaismos de natureza socioeconómica	18
2.6.	Área, produção e produtividade.....	20
2.7.	Sistema de rastreabilidade para certificação do produto	22
3	COMERCIALIZAÇÃO	23
3.1.	Calendário de produção/comercialização.....	23
3.2.	Oferta/Procura.....	24
3.3.	Circuitos de Comercialização	27
3.4.	Evolução das Cotações.....	28
3.4.1.	Área de mercado de Bragança (Castanha da Terra Fria DOP).....	28
3.4.2.	Área de mercado de Chaves (Castanha da Padrela DOP).....	29
3.4.3.	Área de mercado do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP).....	30
3.5.	Promoção e Campanhas de Marketing	32
4	INDÚSTRIA	32
5	PERSPETIVAS	33
6	ANÁLISE SWOT DA FILEIRA	34
i)	Pontos fortes	34
ii)	Pontos fracos	34
iii)	Ameaças	35
7	OPORTUNIDADES	35

ANÁLISE DE CAMPANHA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS VEGETAIS | 2024

PRODUTO: Castanha em Trás-os-Montes

1 ENQUADRAMENTO

Portugal apresenta-se como um dos principais produtores de castanha da Europa, sendo na região Norte de Portugal (em particular em Trás-os-Montes) que se concentra a maior área de soutos do nosso país. Segundo dados do Recenseamento Agrícola (RA) de 2019, a castanha ocupa aqui uma área de aproximadamente 44 000 hectares, tendo ocorrido um incremento de área superior a 50% num período de 10 anos, se compararmos com os dados do RA de 2009.

Dada a boa adaptabilidade do castanheiro às condições edafoclimáticas da região transmontana, a cultura está muito bem disseminada e o seu consumo está bem enraizado nos hábitos culturais e gastronómicos da população local/nacional.

Face à importância que representa para a economia, o setor da castanha é considerado uma **fileira estratégica**, tanto a nível nacional como nas respetivas regiões de produção, agregando a capacidade de garantir trabalho em zonas desfavorecidas e de prover um rendimento interessante aos agentes económicos envolvidos, compatível com outras atividades (agrícolas, florestais, turísticas ou de outro tipo).

A produção de castanha é uma prática tradicional, que permite a manutenção de terrenos agrícolas em boas condições, limitando a incidência dos incêndios florestais.

Para além do consumo em fresco, a castanha também pode ser conservada seca ou congelada, permitindo o alargamento do período de consumo. O fabrico de farinha e a transformação em licores, doces, compotas e sobremesas (como o *marron glacé*) são outras formas de preservar o fruto, para consumo posterior. Parte da produção transmontana é transformada na região e a restante segue para o mercado externo, permitindo o escoamento de produto com valor acrescentado.

Embora em pequeno número, é possível encontrar na região unidades de armazenamento/transformação de castanha, que abastecem essencialmente as grandes superfícies e o mercado de exportação.

Em Portugal, estão classificadas quatro (4) **Denominações de Origem Protegida (DOP)** para a produção de castanha, duas das quais se situam na região de Trás-os-Montes e uma terceira cuja área de produção é “partilhada” com a Beira Interior e que foi este ano acompanhada pelos nossos serviços, por corresponder ao Douro Sul:

- **Castanha da Padrela DOP:** Criada em fevereiro de 1994, delimitando parcelas situadas entre as cotas de 500 e 900m de altitude (no distrito de Vila Real)
- **Castanha dos Soutos da Lapa DOP:** Criada em junho de 1996, delimita parcelas com cotas médias de 750m, sem ultrapassar os 950m de altitude (no Douro Sul)
- **Castanha da Terra Fria DOP:** Criada em junho de 1996, com cotas predominantemente acima dos 600m de altitude (essencialmente no distrito de Bragança).

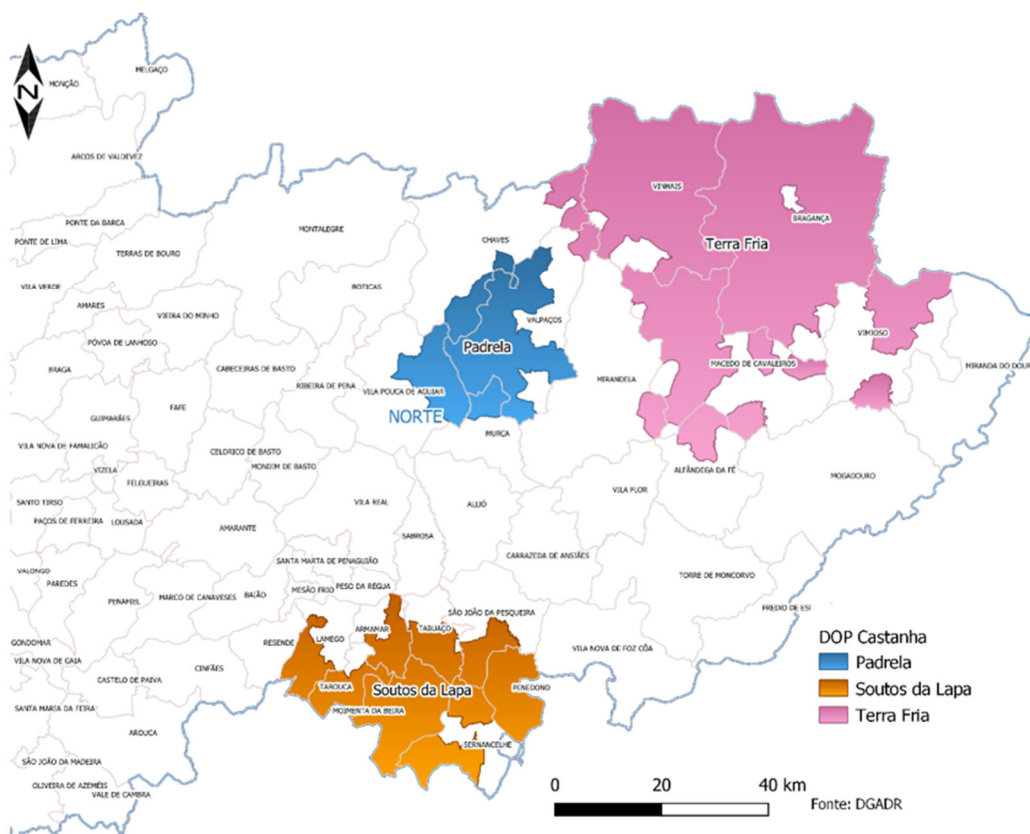


Figura 1. Localização das DOP's em Trás-os-Montes
Fonte: Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR)

Em 2024, a campanha de apanha da castanha iniciou-se em meados de outubro em Bragança, no último decêndio de outubro no Douro Sul e no final de outubro em Chaves. Na prática, o abastecimento de castanha transmontana fresca nos mercados manteve-se durante os meses de outubro, novembro e dezembro, fazendo destes os meses de maior consumo.

Bragança: Início a 14.10.2024 e fim de campanha a 02.12.2024

Douro Sul: Início a 21.10.2024 e fim de campanha a 02.12.2024

Chaves: Início a 28.10.2024 e fim de campanha a 18.11.2024

2 PRODUÇÃO

2.1. Incidência geográfica

A produção de castanha está dispersa um pouco por toda a região transmontana, mas as zonas com certificação estão concentradas em alguns concelhos do Nordeste e do Douro Sul.

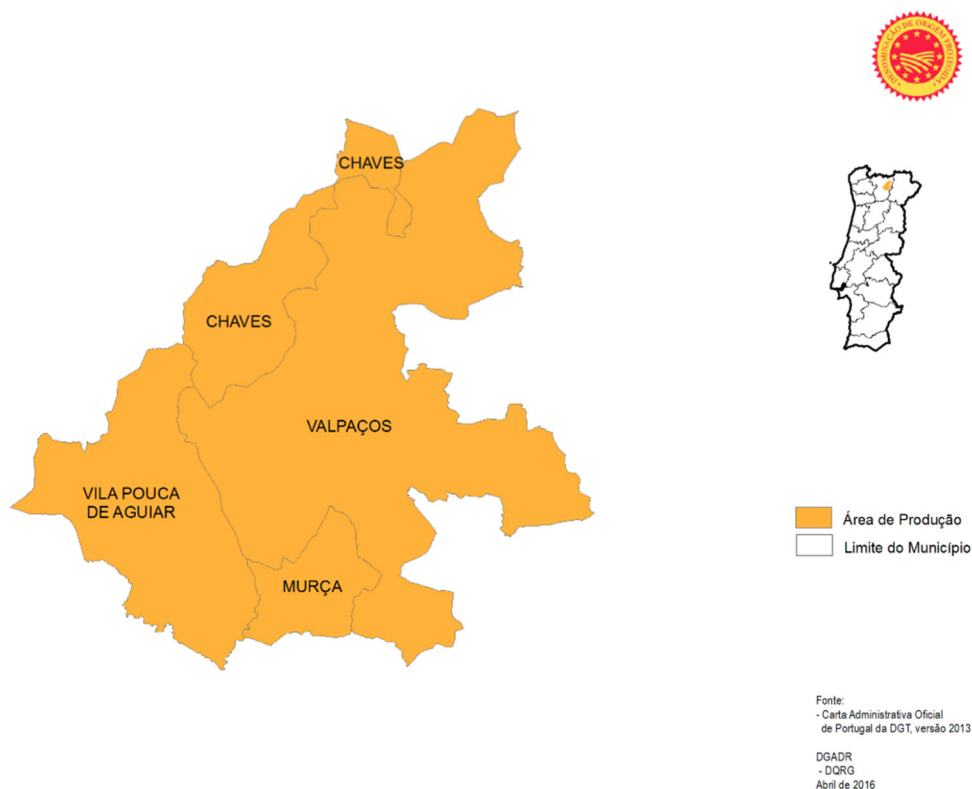
Na campanha de 2024 os nossos serviços acompanharam a produção e a comercialização do produto nos concelhos das DOP's, apurando o volume de vendas e as cotações praticadas ao longo da campanha para diferentes variedades, à **Saída de Produção (SP)** – com a comercialização a ser realizada diretamente pelo produtor) e à **Saída de Estação (SE)** – após a saída de unidade de limpeza/calibração/embalamento).

Os concelhos e freguesias que compõem cada uma das DOP em causa são os seguintes:

a) Castanha da Padrela DOP:

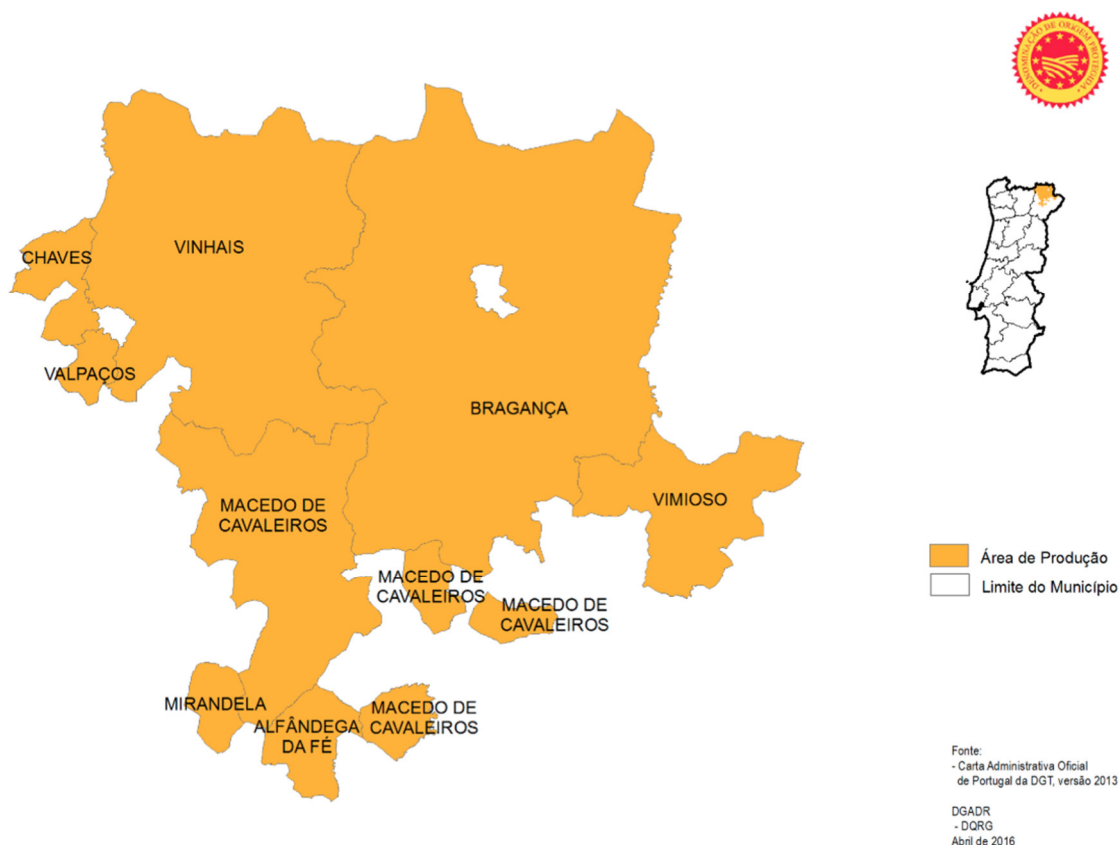
Concelhos de **Chaves** (freguesias de Moreiras, Nogueira da Montanha, Santa Leocádia, São Julião de Montenegro e UF de Loivos e Póvoa de Agrações), **Murça** (freguesia de Jou), **Valpaços** (freguesias de Água Revés e Castro, Argeriz, Canavezes, Ervões, Friões, Padrela e Tazem, Rio Torto, Sanfins,

Santa Maria de Émeres, Santiago da Ribeira de Alhariz, São João de Corveira, Serapicos, Vales, Vilarandelo, UF de Tinhela e Alvarelhos e UF de Carrazedo de Montenegro e Curros) e **Vila Pouca de Aguiar** (Bornes de Aguiar, Tresminas, Valoura e Vreia de Bornes).



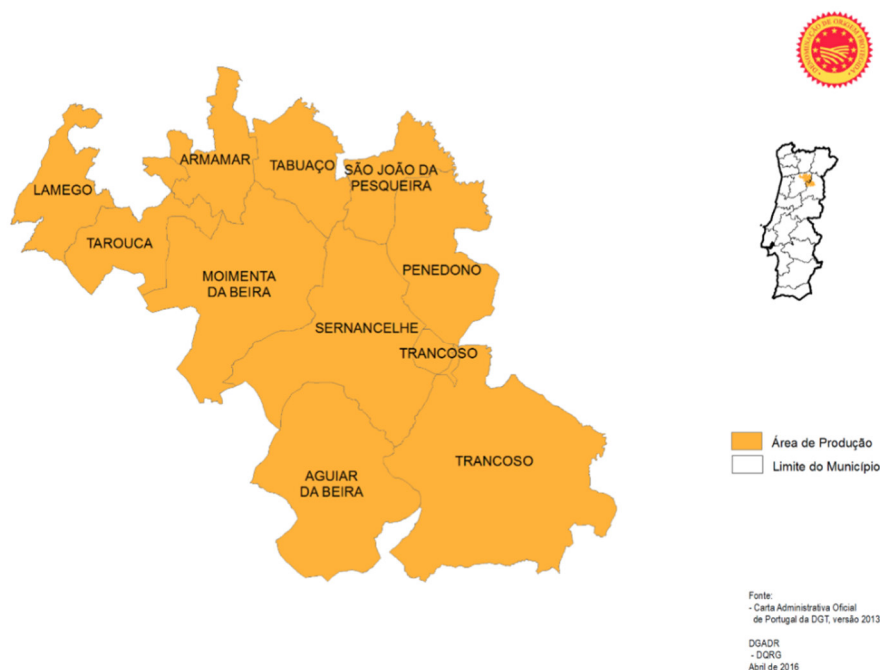
b) Castanha da Terra Fria DOP:

Concelhos de **Alfândega da Fé** (Sambade e UF Gebelim e Soeima), **Bragança** (todas as freguesias), **Chaves** (freguesias de Roriz, Sanfins e S. Vicente), **Macedo de Cavaleiros** (todas as freguesias), **Mirandela** (freguesias de Caravelas e Vale de Asnes), **Valpaços** (freguesia de Bouçoães), **Vimioso** (freguesias de Argoselo, Pinelo, Vimioso e UF Vale de Frades e Avelanoso) e **Vinhais** (todas as freguesias).



c) Castanha dos Soutos da Lapa DOP:

Concelhos de **Armamar** (freguesias de Cimbres, Santa Cruz, S. Martinho das Chãs, S. Cosmado, Vila Seca, UF de Arícera e Goujoim e UF de Santiago e S. Romão), **Tarouca** (freguesias de Várzea da Serra, Tarouca, S. João de Tarouca, Mondim da Beira, Salzedas e UF de Granja Nova e Vila Chã da Beira), **Tabuaço** (freguesias de Arcos, Chavães, Granja do Tedo, Longa, Paradela, Sendim, Tabuaço, Távora e UF de Pinheiros e Vale de Figueira), **S. João da Pesqueira** (freguesias de Paredes da Beira, Riodades, Trevões e Valongo dos Azeites), **Moimenta da Beira** (todas as freguesias), **Sernancelhe** (todas as freguesias), **Penedono** (todas as freguesias), **Lamego** (freguesias de Avões, Ferreiros de Avões, Lalim, Lazarim, Penude, Vila Nova de Souto D'El Rei, UF de Bigorne, Magueija e Pretarouca e UF de Meijinhos e Melções), **Aguiar da Beira** (todas as freguesias) e **Trancoso** (todas as freguesias). *(De referir que a recolha de dados não recaiu sobre os dois últimos concelhos indicados)*



2.2. Variedades/cultivares

Independentemente da variedade, a castanha caracteriza-se por ser um fruto rico em hidratos de carbono (em particular amido) e vitamina C (com teor semelhante aos citrinos) e pobre em gordura, sendo por isso aconselhado em dietas alimentares “saudáveis”.

A diversidade de variedades de castanha produzidas nas regiões enumeradas no ponto anterior é muito vasta, sobrepondo-se pontualmente. No Caderno de Especificações de cada DOP está definida a percentagem mínima das principais variedades produzidas, da seguinte forma:

Castanha da Padrela DOP: Judia (80% da produção), Côta, Lada, Longal, Negral e Preta;

Castanha da Terra Fria DOP: Longal (70% da produção), Amarelal, Aveleira, Boa Ventura, Côta, Judia, Lamela, Martaínha, Negral e Trigueira;

Castanha dos Soutos da Lapa DOP: Longal e Martaínha.



Figura 2. Souto tradicional de encosta, Sernancelhe – Castanha dos Soutos da Lapa DOP
Foto por: Suzana Fonseca

Embora sejam semelhantes, cada variedade apresenta morfologia e características organoléticas distintas, bem como aptidões diferenciadas (aptidão para o descasque, capacidade de conservação, finalidades alimentares, ...). Distinguem-se também pela sua produtividade, calibre médio dos frutos, época de floração e colheita.

Se de um lado temos variedades de floração precoce, como a Martáinha e a Verdeal, de outro temos variedades de floração mais tardia, como a Côta, a Lada e a Negral. Esta diversidade permite – no momento da plantação – adequar as variedades ao local onde serão instaladas, potenciando as características de cada uma e escalonando a colheita.

Com maior aptidão para o descasque e para a indústria surgem a Longal ou a Côta, enquanto a Judia apresenta maior aptidão para o consumo em fresco (por ser de maior dimensão). A Martáinha tem dupla aptidão – para consumo em fresco e para a indústria. Em termos organoléticos, destacam-se a Côta, a Judia, a Longal e a Martáinha, com sabor rico e adocicado.

Contudo, e daquilo que conseguimos apurar, os consumidores menos esclarecidos (em particular os que estão nos grandes centros, longe da agricultura e deste tipo de informação), distinguem as castanhas apenas pela sua dimensão (“grandes/pequenas”) e pelo teor de açúcar (“mais/menos doces”).

Ao nível da produção, são mais procuradas e valorizadas as variedades predominantes em cada região.

Paralelamente às variedades tradicionais, e numa tentativa de prevenir a ocorrência de doenças como a Tinta e o Cancro do Castanheiro e aumentar o sucesso da polinização cruzada, os soutos mais recentes têm na sua composição plantas oriundas de clones de castanheiros híbridos, que podem ser usados como porta-enxertos ou como produtores diretos.

2.3. Caracterização tecnológica

Os castanheiros são árvores monóicas, ou seja, possuem flores femininas e masculinas na mesma planta. No entanto, a autofecundação não é viável (as plantas são autoestéreis), pelo que é necessária a presença de pólen de outras variedades. A fecundação é facilitada pelo vento, pelos insetos (essencialmente abelhas) e pela correspondência entre o período de plena floração das flores masculinas e plena recetividade das flores femininas (que darão origem aos ouriços e às castanhas).

11



Figura 3. Flores femininas e flores masculinas no castanheiro
Foto por: Suzana Fonseca

O recurso a plantas híbridas como produtores diretos é uma prática recorrente e por vezes aconselhada na região norte, uma vez que também são bons polinizadores, conferindo às plantas maior vigor e produtividade, bem como maior precocidade na produção, devendo ser observada a compatibilidade com as variedades tradicionais. As castanhas oriundas destas árvores são de grande calibre, embora as suas características organoléticas não sejam tão apreciadas.

Os castanheiros híbridos resultam de cruzamentos entre o **castanheiro europeu** (*Castanea sativa*) e o **castanheiro japonês** (*Castanea crenata*) e a sua maior vantagem reside no facto de possuírem algum grau de resistência às doenças referenciadas, para as quais não existem ainda meios de luta química homologados.

Os **híbridos** mais presentes na região foram selecionados em França, pelo Instituto Nacional de Investigação de Agronomia Francês (INRA) e em Portugal, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), e são os seguintes:

INRA – Marigoule, Bouche de Bétizac, Marsol, Ca90, Précouce Migoule e Belle Epine

UTAD - ColUTAD®

12



Figura 4. Viveiro de porta-enxertos de castanheiro europeu (*Castanea sativa*), via seminal - Penedono
Foto por: Suzana Fonseca

No que diz respeito ao **tipo de solo**, os castanheiros são árvores com boa adaptabilidade a uma diversidade de solos, devendo, contudo, ser evitados – em novas

plantações – os mais suscetíveis ao encharcamento, privilegiando os solos profundos, de textura grosseira, bem drenados e ricos em matéria orgânica.

Os **compassos de plantação** nas diferentes zonas são bastante semelhantes, distinguindo-se essencialmente pela idade dos soutos.

Se em soutos mais antigos encontramos compassos mais largos, que variam entre os 12 x 12 (m) e os 10 x 10 (m), nos soutos mais recentes temos compassos um pouco mais apertados, sendo comum os 10 x 8 (m) e os 8 x 8 (m) – em resultado do uso de porta-enxertos ananizantes que reduzem a dimensão das plantas (como o Ca90) e de diferentes formas de condução.

Estas variações estão associadas à dimensão da copa dos castanheiros e ao facto destas árvores frutificarem nos ramos terminais – em teoria, quanto maior a copa, maior a frutificação/produção.

À semelhança de outras fruteiras, o castanheiro em Trás-os-Montes é podado, essencialmente, segundo duas **formas de condução** – em forma de vaso ou em eixo central, sendo que em qualquer delas o principal objetivo é a formação de uma copa bem “aberta”, que promova o arejamento e uma boa interceção de luz por parte da planta.

A **forma de vaso** apresenta-se como a mais tradicional, estando presente na grande maioria dos soutos mais antigos da região. Nesta forma, é eliminado o eixo central da árvore, favorecendo o desenvolvimento de 2-3 ramos laterais a cerca de 2 metros de altura.



Figura 5. Castanheiros conduzidos na forma de vaso, Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

Na **forma de eixo central**, o conceito é inverso, optando-se pela promoção de um eixo central com ramos laterais, não dominantes. Nestas situações, a enxertia é realizada mais abaixo no tronco (cerca de 0,5m a partir da base da árvore).

Na maioria dos soutos, o **controlo das infestantes** é realizado essencialmente por meios mecânicos que não envolvam a mobilização do solo. O uso de destroçadores ou de coberturas verdes promove a manutenção da qualidade do solo e reduz a transmissão de doenças, nomeadamente a Doença da Tinta. Apesar disso, ainda é frequente encontrar parcelas mobilizadas, com impactos negativos ao nível das raízes superficiais e da sanidade das plantas.

Os soutos são frequentemente usados para o pastoreio de animais, que também contribuem para o controlo da vegetação e para o aumento dos teores de matéria orgânica do solo.

Se tradicionalmente o castanheiro era uma cultura de sequeiro, atualmente deparamo-nos com alguns soutos com **sistema de rega** instalado – em particular nos primeiros anos de desenvolvimento.

Estima-se que a área regada na região se situe nos 5% no Douro Sul, nos 20% na Terra Fria e nos 10% em Chaves, sendo que a restante área se mantém em regime de sequeiro.

De igual forma, e embora saibamos empiricamente que uma parte dos soutos se enquadra em **modos de produção** segundo os preceitos da Produção Integrada ou da Agricultura Biológica, não temos dados concretos que nos permitam avaliar a expressão dessas formas de produção nas zonas acompanhadas. Através dos resultados do último Recenseamento Agrícola (INE, 2019), estima-se que a área inscrita em Agricultura Biológica seja inferior a 5%.

2.4. Condicionalismos de natureza climática e fitossanitária

A sanidade dos castanheiros é um tema bastante sensível em Trás-os-Montes, particularmente após um ano de ataques severos de Septoriose e Podridão Cinzenta (*Gnomoniopsis smithogilvyi*). Se a qualidade da produção de 2023 foi fortemente comprometida pela incidência destas doenças, na campanha de 2024 o maior constrangimento ocorreu durante a maturação do fruto, muito perto do período de colheita.

As previsões em setembro de 2024 apontavam para um ano particularmente bom de castanha, quer em termos quantitativos, quer em termos de qualidade. Para prevenir a ocorrência de doenças no fruto, os produtores realizaram ao longo do ciclo vegetativo algumas aplicações de bio estimulantes e de fungicidas com base em cobre.

Os castanheiros apresentavam-se com bastantes ouriços saudáveis, que contabilizavam 2 a 3 castanhas de bom calibre no seu interior.

No entanto, muito perto do período da apanha da castanha e com os frutos a concluir a sua maturação fisiológica, deu-se a 09 de outubro, a passagem em território nacional da tempestade “Kirk” (com maior intensidade na região norte). Este fenómeno climático trouxe consigo grande devastação e, no caso dos castanheiros, provocou a queda antecipada dos frutos imaturos, de grande número de árvores adultas e de ramos de grande porte na copa das árvores.



Figuras 6 a 8. Estragos provocados pela tempestade “Kirk” nos soutos do concelho de Sernancelhe

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 9. Aspeto de um souto após a passagem da tempestade “Kirk”, com a castanha da variedade Aveleira totalmente no chão, 11.10.2024, Donai - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

Os concelhos de Valpaços (Padrela DOP) e de Sernancelhe (Soutos da Lapa DOP) foram os mais fustigados pela tempestade, levando a perdas de produção/rendimento elevadas. Contudo, os frutos efetivamente colhidos apresentaram bons calibres e os ataques de bichado (*Cydia splendana*) não foram significativos.

16

A presença de Cancro do Castanheiro (*Cryphonectria parasitica*), Doença da Tinta (*Phytophthora cinnamomi*) e de Vespa-das-galhas-do-castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*) continua a ser uma constante nos soutos transmontanos.



Figura 10. Cancro do Castanheiro, Macedo de Cavaleiros
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 11. Doença da Tinta, Vinhais



Figura 12. Vespa-da-galha-do-castanheiro, Bragança

Estes problemas são de difícil resolução, face às soluções limitadas:

- i) A única solução eficaz encontrada para controlar o **Cancro do Castanheiro** reside num bioproduto de carácter experimental, desenvolvido pela Escola Superior Agrária de Bragança – o **Dictis** – que implementa a luta biológica (e a hipovirulência em particular) no tratamento e recuperação das árvores afetadas.
- ii) Para a **Doença da Tinta** ainda não se conhece nenhuma substância de controlo eficaz, pelo que o combate se faz essencialmente através da luta cultural (medidas indiretas de carácter preventivo) e do uso de porta-enxertos tolerantes ao fungo.
- iii) A **Vespa-da-galha-do-castanheiro** só é possível de controlar através da libertação de um parasitóide (*Torymus sinensis*), segundo um plano de largadas coordenado entre diversas entidades (autarquias, DGAV, RefCast, ...).

Em qualquer uma das regiões acompanhadas, a **colheita da castanha** é o processo mais moroso e dispendioso, exigindo normalmente uma grande disponibilidade de mão-de-obra. No sentido de ultrapassar a escassez de trabalhadores que se faz sentir um pouco por toda a região, alguns dos produtores de maior dimensão optaram por mecanizar a colheita, investindo em equipamento apropriado para o efeito (de custo muito elevado).

17



Figuras 13 a 15. Colheita mecânica da castanha, Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 16. Equipamento para colheita mecânica da castanha, Sernancelhe
Foto por: Suzana Fonseca

Durante o período da colheita, é necessário realizar várias passagens nos soutos, uma vez que os ouriços abrem e deixam cair a castanha em momentos diferentes.

Em 2024, os produtores da área de mercado de Bragança sentiram alguma dificuldade de trabalho no início da colheita, devido à precipitação e aos elevados teores de humidade nos solos.

2.5. Condicionaismos de natureza socioeconómica

18

O setor da castanha tem vindo a assumir particular importância em Trás-os-Montes, com a plantação gradual de grandes áreas de soto – como cultura extreme ou como base de muitas explorações.

Através da análise dos dados do RA2019, percebe-se que o maior número de explorações com área de castanheiro (e também de maior dimensão), se encontra no nordeste transmontano, na área de influência da Castanha da Terra Fria DOP.

Logo atrás surgem a região do Alto Tâmega (Castanha da Padrela DOP) e a região do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP).

Trata-se na sua maioria de produtores individuais, alguns dos quais dedicados à produção de castanha como atividade principal. Os restantes têm a castanha como um complemento ao rendimento da exploração, sendo que parte deles não são agricultores a título principal.

O produto é escoado através de unidades de armazenamento/transformação específicas para a castanha, de ajuntadores ou diretamente para pequenos/médios comerciantes.

As feiras da castanha promovidas pelas diversas autarquias também são uma forma de escoamento da produção diretamente para os consumidores finais.



Figura 17. Aspeto da castanha em tegão de descarga
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 18. Calibração da castanha

Se tomarmos como exemplo o ano de 2023, em 2024 o rendimento dos produtores na comercialização do produto foi bastante mais interessante, face à qualidade e calibre das castanhas. Se compararmos com um ano dito “normal”, a variação não foi tão significativa, podendo considerar-se que as cotações se situaram em valores médios.

19

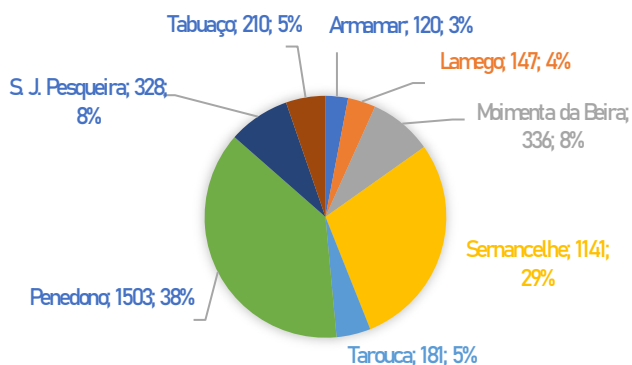


Figuras 19 e 20. Castanha da variedade “Martainha” a granel e ensacada, Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca

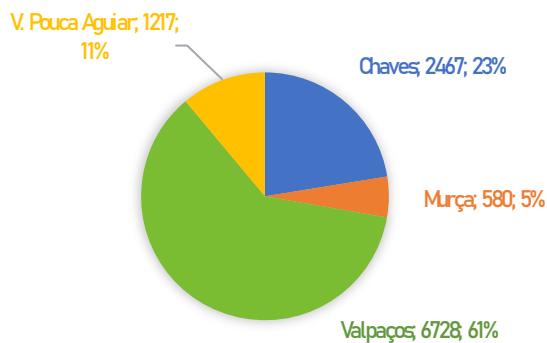
2.6. Área, produção e produtividade

Em 2024, a distribuição da área de souto por concelho, em cada uma das DOP acompanhadas foi a seguinte:

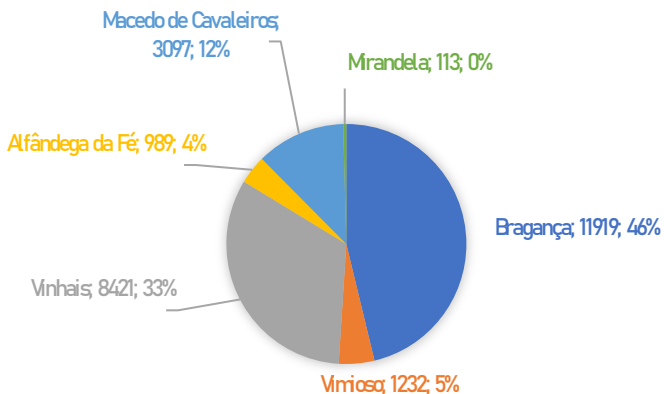
**DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA DE CASTANHEIRO
(SOUTOS DA LAPA DOP)
HECTARES; % DO TOTAL**



**DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA DE CASTANHEIRO
(PADRELA DOP)
HECTARES; % DO TOTAL**



**DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA DE CASTANHEIRO
(TERRA FRIA DOP)
HECTARES; % DO TOTAL**



Gráficos 1 a 3. Distribuição da área de castanheiro nas diferentes áreas de mercado, campanha 2024

Fonte: QPV | DPA | CCDR-N

Analisando os gráficos anteriores, percebe-se que os concelhos com maior área de castanheiros em produção são Penedono e Sernancelhe (nos Soutos da Lapa DOP), Bragança e Vinhais (na Terra Fria DOP) e Valpaços (na Padrela DOP).

Em valor absoluto, a Terra Fria apresenta-se como sendo, de longe, a região com maior área de soutos em Trás-os-Montes, com um total de aproximadamente 26000ha, contra cerca de 11000ha na Padrela e quase 4000ha nos Soutos da Lapa.

	2023			2024			Variação 2023/2024 (%)	
Concelho	Área total (ha)	Produção (t)	Produtividade (Kg/ha)	Área total (ha)	Produção (t)	Produtividade (Kg/ha)	Produção	Produtividade
Armamar	130	89	800	120	89	800	0	0
Lamego	147	55	500	147	55	500	0	0
Moimenta da Beira	384	209	800	336	209	800	0	0
Penedono	1537	1026	700	1503	1319	900	+29%	+29%
S. J. Pesqueira	328	213	700	328	213	700	0	0
Sernancelhe	1103	804	830	1141	969	1000	+21%	+21%
Tarouca	171	98	650	181	98	650	0	0
Tabuaço	241	122	600	210	162	800	+33%	+33%
Chaves	2425	774	450	2467	774	450	0	0
Murça	580	144	350	580	130	315	-10%	-10%
Valpaços	6728	1062	210	6728	1064	210	0	0
V. Pouca Aguiar	1217	299	500	1217	299	500	0	0
Alfândega da Fé	965	153	275	989	154	250	+1%	-9%
Bragança	11606	5140	700	11919	6720	840	+30%	+20%
M. de Cavaleiros	2998	749	400	3097	712	375	-5%	-6%
Mirandela	118	53	450	113	48	425	-10%	-5%
Vimioso	1224	788	800	1232	591	600	-25%	-25%
Vinhais	8101	4098	740	8421	5015	850	+22%	+15%

Fonte: CCDRN/DPA – Quadro de Produção Vegetal 2023 e 2024 (dados provisórios)

Nota: Por questões de ordem prática, os valores foram arredondados à unidade.

(As produções e produtividades apresentadas na tabela anterior dizem respeito aos soutos em plena produção, uma vez que as produções dos soutos jovens são pouco significativas.)

Na análise aos dados da tabela anterior, é perceptível o aumento de cerca de 3% da área total de castanheiros na zona de influência de Bragança (DOP Terra Fria), em oposição à zona dos Soutos da Lapa DOP, onde se verificou uma ligeira redução (-1,8%).

É na Terra Fria que os produtores mais apostam no crescimento do setor e os motivos podem estar associados à elevada capacidade de escoamento que a região possui, resultado da existência de grandes unidades de recolha / armazenamento / transformação de castanha. Por outro lado, a desertificação a que esta região do país tem estado sujeita nas últimas décadas leva a que os produtores mais resilientes, que aí se mantêm, apostem em culturas menos exigentes em mão de obra.

A produção e a produtividade total de cada uma das zonas analisadas também sentiram variações.

Apesar da maioria dos concelhos dos Soutos da Lapa não ter registado alterações, em Penedono, Sernancelhe e Tabuaço (zonas mais altas e frias) os aumentos variaram entre os 20-30%.

Na Padrela DOP não se registaram variações significativas, mas na Terra Fria quatro (4) dos concelhos tiveram quebras de produção/produtividade. Apenas os concelhos de Bragança e Vinhais apresentaram valores superiores aos do ano anterior em cerca de 20-30% (também aqui a altitude e as condições térmicas parecem ter desempenhado um papel determinante).

2.7. Sistema de rastreabilidade para certificação do produto

Tal como foi já referido neste documento, parte da área dos soutos da região transmontada estão enquadrados em modelos de Produção Integrada ou Agricultura Biológica, o que por si só já garante alguma rastreabilidade do produto.

Para além disso, existem as Denominações de Origem Protegida (DOP's), que certificam a castanha em função dos diversos parâmetros inscritos nos respetivos Cadernos de Especificações.

A responsabilidade por esta certificação recai sobre os Organismos Privados de Controlo e Certificação inscritos para o efeito em cada DOP.

No que respeita ao produto para exportação e/ou comercialização em determinadas superfícies comerciais, existe a obrigação acrescida de realizar **Tratamentos de Água Quente (TAQ)**, devidamente acompanhados e certificados por Inspetores Fitossanitários.

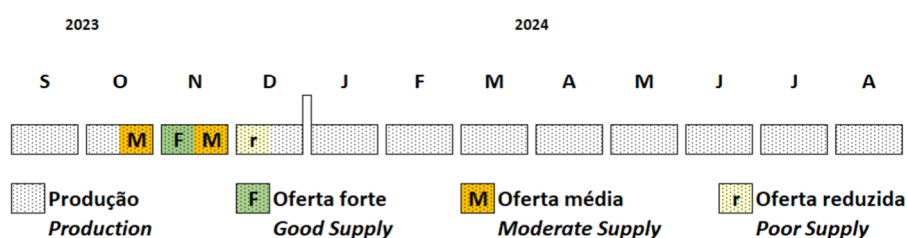
3 COMERCIALIZAÇÃO

3.1. Calendário de produção/comercialização

Em termos temporais, a disponibilidade de castanha para comercialização foi idêntica nas três áreas de mercado acompanhadas:

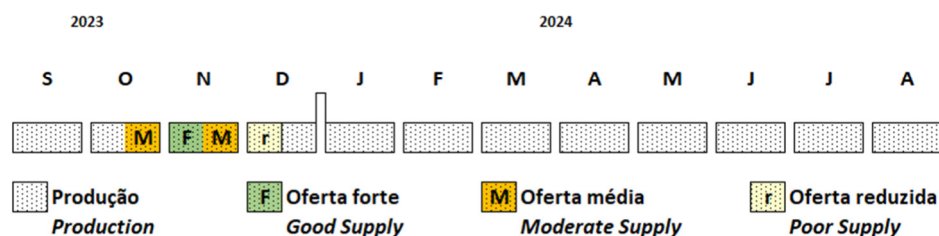
Douro Sul

Calendário de Produção - Comercialização / Production - Marketing Calendar

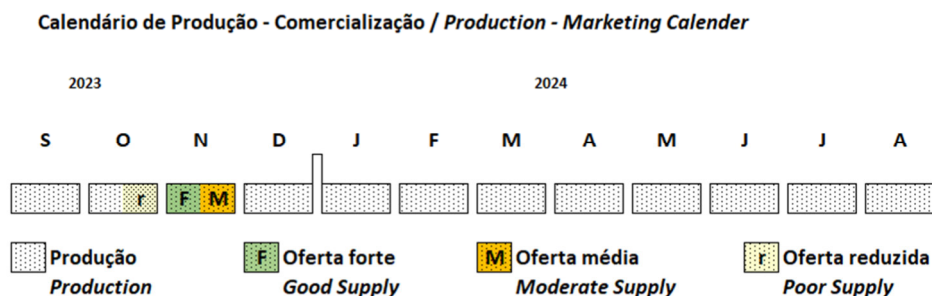


Bragança

Calendário de Produção - Comercialização / Production - Marketing Calendar



Chaves



3.2. Oferta/Procura

As diferentes áreas de mercado tiveram, em 2024, comportamentos semelhantes no que respeita à oferta de castanha, tendo as primeiras surgido no final do mês de outubro, com o mês de novembro a ser o mais representativo, em termos de quantidade.

Em resultado da já mencionada tempestade “Kirk”, a oferta de castanha temporã acabou por ser um pouco mais reduzida, uma vez que os ouriços caíram numa fase imatura, sem possibilidade de aproveitamento.

Em paralelo, e talvez porque a temperatura média do ar ainda estava elevada nesse período, a procura por parte dos consumidores no mercado interno também foi muito reduzida. As transações melhoraram bastante no período das feiras da castanha e em especial do S. Martinho (como era expectável).

Algumas variedades são habitualmente mais procuradas e valorizadas que as restantes, face ao calibre e às suas características organoléticas. É o caso da Judia, da Longal e da Martaínha.

A pressão da importação de castanha, oriunda essencialmente de Espanha e da China, fez-se sentir em particular no circuito da grande distribuição, com o grupo Jerónimo Martins a importar grandes volumes de castanha espanhola. A importação de produto chinês visou, até onde foi possível avaliar, o mercado dos transformados.

Tanto quanto nos foi dito por alguns operadores do setor, desde que a qualidade esteja assegurada, a castanha é um produto cujo escoamento está sempre garantido através dos vários canais do circuito de comercialização.

O que oscila – em função da variedade, do destino comercial (mercado interno/externo, em fresco ou para indústria) ou da procura pelos consumidores – são as cotações de venda. A isto não será alheio o fato de ser um “produto da estação”, associado ao início do outono, que pode ser utilizado na gastronomia de formas diversas e que tem um razoável poder de conservação em fresco.

De seguida, apresentam-se os gráficos representativos do volume de vendas de castanha nas áreas de mercado acompanhadas, procurando comparar o comportamento da oferta e da procura do produto nas campanhas de 2023 e 2024. Na área de mercado do Douro Sul, e uma vez que 2024 foi o primeiro ano em que foram apuradas as cotações e o volume de vendas, não existem dados comparativos com anos anteriores.

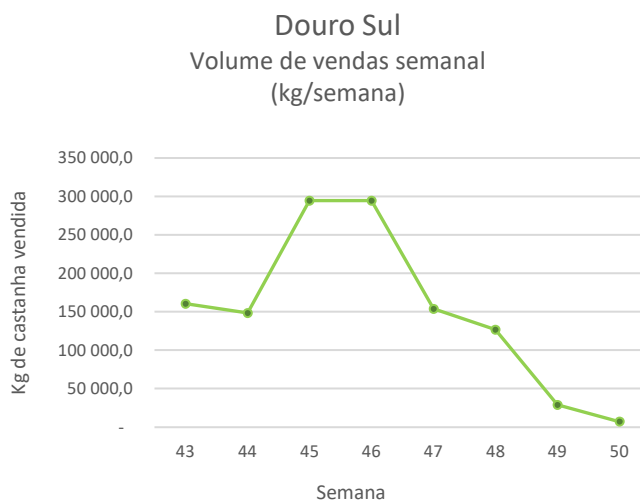
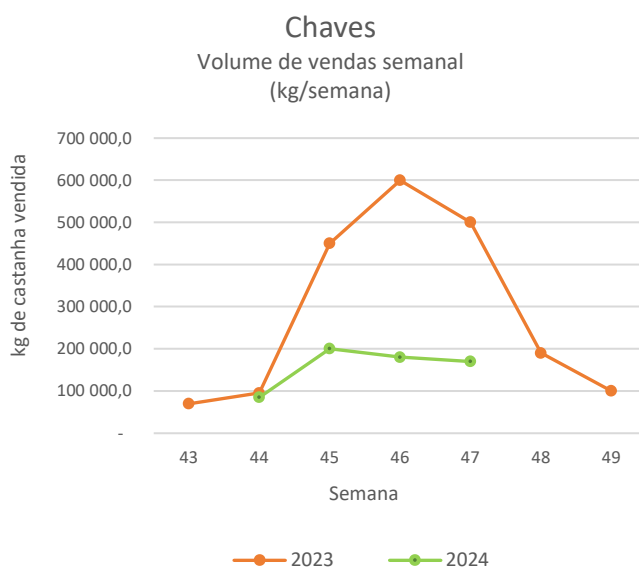
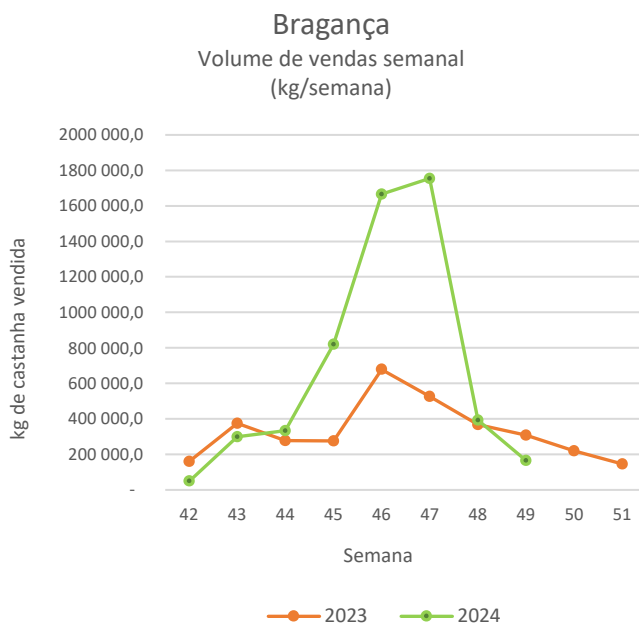


Gráfico 4. Evolução do volume de vendas semanal no Douro Sul, na campanha de 2024
Fonte: DPA | CCDR-N



Gráficos 5 e 6. Comparação do volume de vendas semanal, em diferentes áreas de mercado, nas campanhas 2023 e 2024
Fonte: DPA | CCDR-N

Embora os gráficos anteriores se refiram apenas ao volume de vendas **dos operadores acompanhados** nas diferentes áreas de mercado, é possível tirar elações acerca da duração do período de colheita/venda e dos picos de comercialização.

A área de mercado que movimentou maior quantidade de castanha em 2024 foi, sem dúvida alguma, Bragança, que representa em valores absolutos a maior área de produção de Trás-os-Montes.

Logo em seguida surge o Douro Sul, que embora represente a menor área plantada, apresentou valores de produção superiores a Chaves, que surge em último lugar no volume de vendas apurado em 2024, talvez em função das perdas provocadas pela tempestade “Kirk”.

Em termos de duração do período de colheita, verifica-se que na campanha de 2024 Bragança e o Douro Sul colheram e comercializaram castanha durante cerca de oito semanas, enquanto em Chaves o processo ficou concluído em metade desse tempo. Comparativamente com o ano anterior, em 2024 a duração do período de colheita em Chaves e Bragança foi mais curta em cerca de duas semanas.

3.3. Circuitos de Comercialização

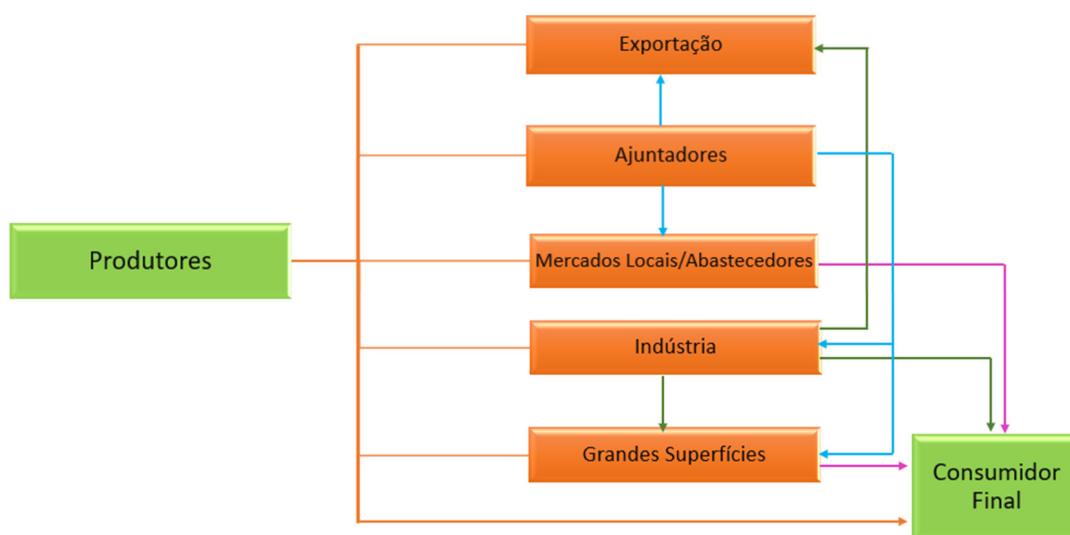


Diagrama: Circuito de comercialização da castanha em Trás-os-Montes

A dinâmica de comercialização da castanha é muito semelhante nas três áreas de mercado transmontanas. Em todas elas existem centrais de recolha/transformação/escoamento de castanha, de maior ou menor dimensão, que adquirem o produto aos agricultores ou aos ajuntadores, dando continuidade ao circuito de comercialização.

Essas empresas acondicionam a castanha, responsabilizando-se pela sua limpeza, seleção, calibração, (transformação) e embalagem. Quando o destino final for a exportação e/ou as grandes superfícies, a castanha é ainda submetida a um tratamento de água quente (TAQ), para esterilização e aumento do poder de conservação.

Também é usual a comercialização de castanha diretamente ao consumidor final (embora em quantidades reduzidas), nos mercados locais/regionais/abastecedores e em algumas superfícies comerciais (frutarias, supermercados, ...).

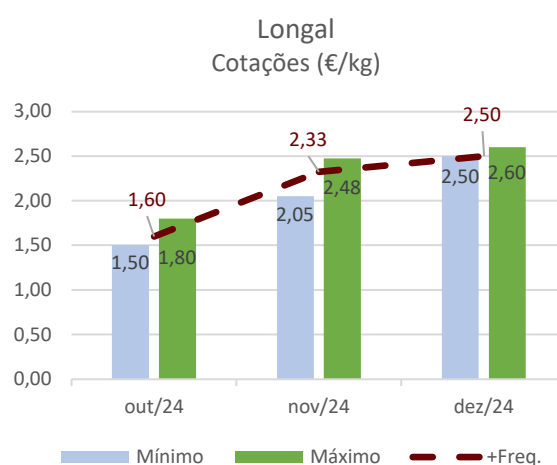
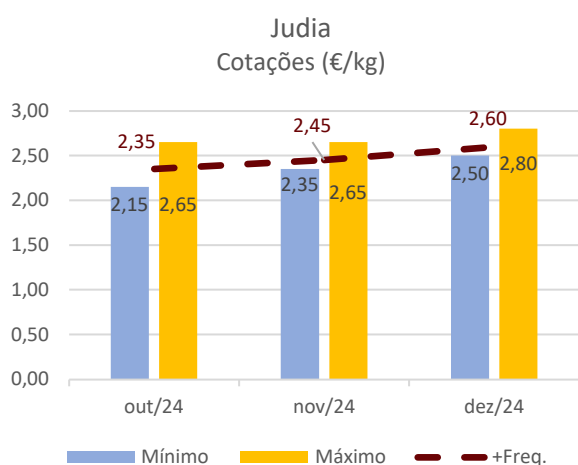
Os principais destinos de exportação para a castanha nacional são França, Itália e Espanha – países do mediterrâneo onde os hábitos de consumo deste fruto são idênticos aos nossos.

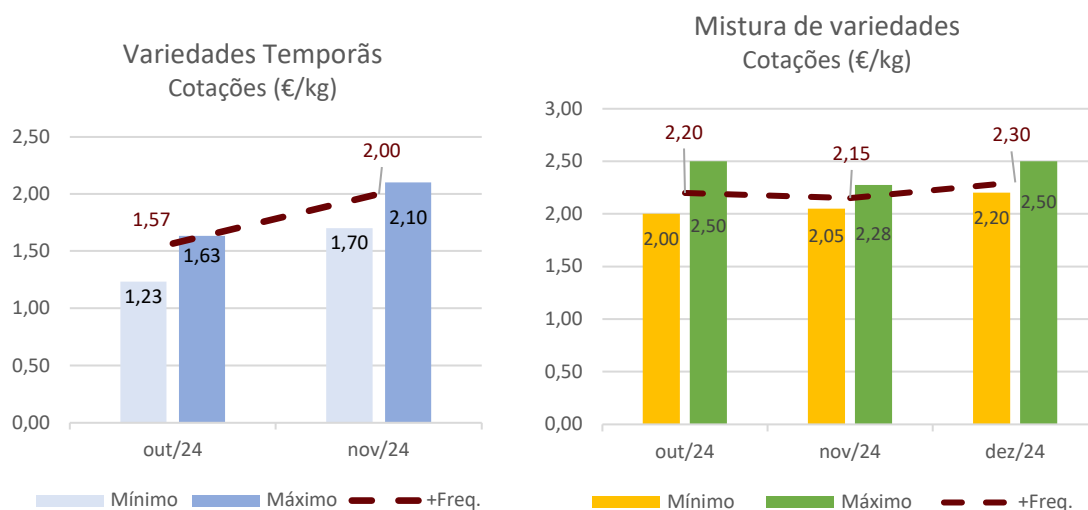
3.4. Evolução das Cotações

28

As cotações variaram bastante com a variedade e a área de mercado consideradas, motivo pelo qual se optou por realizar essa análise de forma individualizada.

3.4.1. Área de mercado de Bragança (Castanha da Terra Fria DOP)





Gráficos 7 a 10. Cotação da castanha na área de mercado de Bragança, campanha 2024
Fonte: DPA | CCDR-N

Na análise destes gráficos é perceptível que a variedade mais valorizada foi a Judia, ultrapassada apenas pela cotação máxima das variedades temporais no início da campanha.

Nesta área de mercado existem duas unidades agroindustriais de grande dimensão, que se apresentam como os principais canais de escoamento da zona, adquirindo a maior parte da produção (a produtores e a ajuntadores).

Talvez por isso as cotações mantenham alguma estabilidade, sem que se verifiquem grandes flutuações ao longo da campanha.

A feira promovida pela autarquia de Vinhais – *Rural Castanea* – posiciona-se também como um canal de escoamento privilegiado para os produtores/comerciantes, a partir da própria região.

3.4.2. Área de mercado de Chaves (Castanha da Padrela DOP)

A recolha de cotações nesta área de mercado recaiu apenas na castanha Judia, por ser a variedade mais representativa na região.

Também aqui existem duas unidades de transformação de grande dimensão, que adquirem parte da produção.

Contudo, a presença de ajuntadores que recolhem/encaminham a produção para outros setores (mercados abastecedores, feiras, frutarias) é muito significativa.

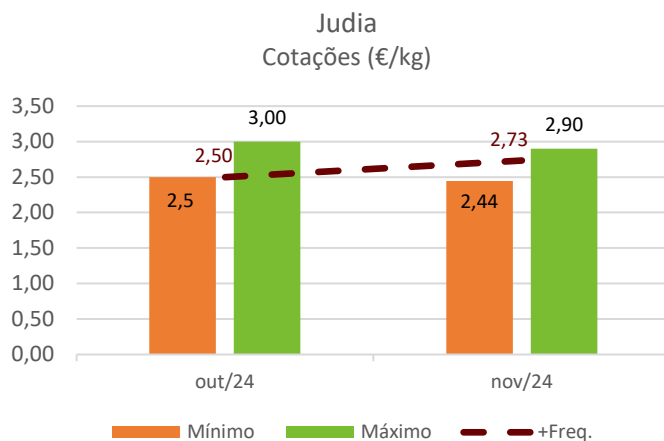
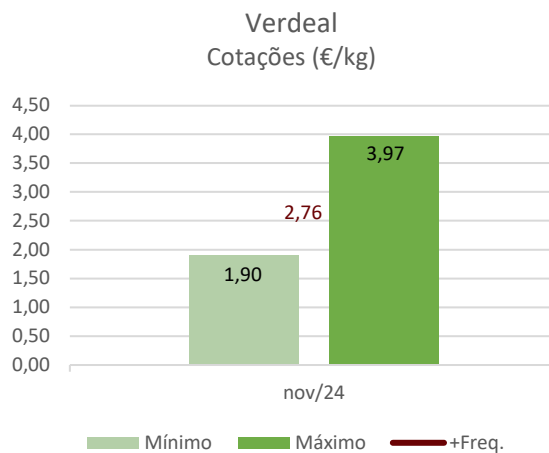
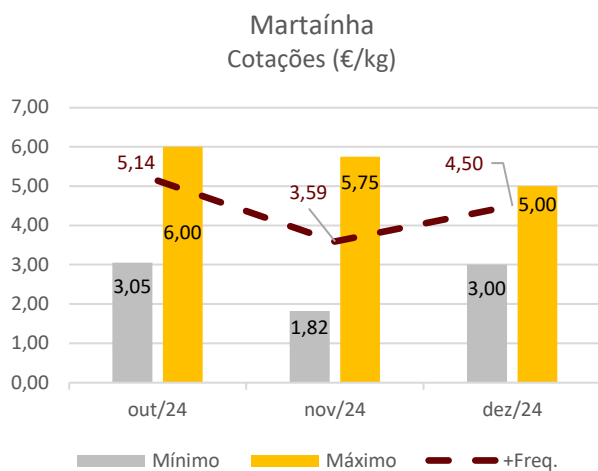


Gráfico 11. Cotação da castanha na área de mercado de Chaves, campanha 2024
Fonte: DPA | CCDR-N

À semelhança de outras regiões, também aqui são promovidas feiras da castanha que possibilitam a presença de qualquer produtor/comerciante e onde são comercializadas várias toneladas de castanha.

30

3.4.3. Área de mercado do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP)





Gráficos 12 a 15. Cotação da castanha na área de mercado do Douro Sul, campanha 2024
Fonte: DPA | CCDR-N

No Douro Sul existem três armazéns grossistas com capacidade para armazenar/comercializar boa parte da castanha aqui produzida.

Paralelamente, e porque a castanha rainha nesta região é a Martáinha (com calibre elevado e de sabor adocicado), existem ajuntadores que reúnem grandes quantidades de castanha junto dos produtores, encaminhando-as para os *assadores* de Lisboa e Porto.

A verdade é que, se olharmos de uma forma global, as cotações registadas no Douro Sul superaram, em muito, as das outras áreas de mercado acompanhadas – na campanha em causa, as cotações máximas da Martáinha chegaram aos 6,0€/kg.

Esta valorização poderá assentar no calibre da variedade (predominante na região), no fato de existirem mais unidades/compradores a adquirir castanha (o aumento da procura traduz-se num aumento de preço) ou na combinação destes fatores e outros.

A *Feira da Castanha de Sernancelhe*, este ano em particular reuniu um menor número de visitantes, que resultou numa quebra das vendas durante esse período.

Pode-se afirmar sem qualquer reserva, que em todas as áreas de mercado auscultadas as cotações em 2024 foram bastante superiores às de 2023, ano em que os problemas fitossanitários associados à *Gnomoniopsis smithogilvyi* levaram a elevadas quebras no volume de castanha transacionado e nos preços alcançados (que flutuaram entre os 0,65€/kg de mínimo e os 2,0€/kg de máximo).

Segundo os produtores contactados, não tendo sido um ano excelente, 2024 foi um ano que se aproximou dos valores médios habituais.

3.5. Promoção e Campanhas de Marketing

Com vista à promoção do produto e apoiando os operadores na sua comercialização, diferentes municípios destas áreas de mercado promoveram em 2024 eventos locais, com impacto regional/nacional:

- **Rural Castanea – XIX Feira da Castanha** (25 a 27 de outubro): promovida pelo Município de Vinhais
- **Festa da Castanha de Sernancelhe** (25 a 27 de outubro): promovida pelo Município de Sernancelhe
- **Mostra Gastronómica do Cabrito, Castanhas e Cogumelos** (1 a 3 de novembro): promovida pelo Município de Vila Pouca de Aguiar
- **Feira da Castanha e Paladares de Outono** (1 a 3 de novembro): promovida pelo Município de Trancoso (na área de influência da CCDR-Centro)
- **Mercado Magriço** (8 a 10 de novembro): promovido pelo Município de Penedono
- **CASTMONTE – XXVII Feira da Castanha Judia** (8 a 10 de novembro): promovida pelo Município de Valpaços e pela Freguesia de Carrazedo de Montenegro
- **Gala da Castanha 2024** (30 de novembro): promovida pela RefCast e realizada no Porto

4 INDÚSTRIA

Os dados apurados não nos permitem estimar a quantidade de castanha que foi comercializada em fresco ou encaminhada para a indústria.

Sabemos apenas que parte da produção foi comercializada congelada, em farinha ou cozida e posteriormente embalada em vácuo (preparada como “petisco” ou para utilizar na confeção de inúmeras receitas).

5 PERSPETIVAS

O setor da castanha tem vindo a assumir cada vez maior importância nas terras de Trás-os-Montes, por ser uma atividade que requer poucos cuidados e pouca mão de obra ao longo do ano, tendo por isso a capacidade de funcionar como complemento a outras atividades (agrícolas ou não).

Este setor representa, *per si*, um bom rendimento agrícola para os produtores (em anos “normais”), face ao crescimento da procura de castanha nacional pela sua qualidade. Paralelamente, muitos proprietários optam por plantar castanheiros de forma a manter limpos de matos os terrenos que em tempos tiveram outras ocupações culturais, entretanto abandonadas.

Em algumas aldeias da Terra Fria, as populações beneficiam da simbiose existente entre os cogumelos e os castanheiros e que se traduz numa melhoria na obtenção de nutrientes, na criação de maior resistência a situações de stress e no aumento do rendimento anual das explorações.

Por outro lado, os soutos adultos resultam em paisagens particularmente atrativas, de incontornável beleza (em particular no outono), pelo que têm sido potenciados por algumas autarquias e alguns privados para atividades relacionadas com o turismo.

Em Sernancelhe, por exemplo, a autarquia criou o Espaço da Castanha e do Castanheiro – que promove a Rota da Castanha e do Castanheiro, a que acorrem inúmeros participantes de outras partes do país. Nesse município foi ainda criada a Confraria da Castanha Soutos da Lapa, cujo objetivo principal passa pela promoção e divulgação da castanha da região e de toda a cultura gastronómica que lhe está associada.

A autarquia de Bragança é responsável pela criação da Rota dos Castanheiros em flor, que se realiza na freguesia de Salsas e que dá a conhecer a beleza da zona.

Em colaboração com alguns municípios, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro criou a Rota da Castanha em Trás-os-Montes, com cinco percursos que atravessam o nordeste transmontano e que têm como objetivo primordial a divulgação dos aspetos

culturais e etnográficos de Trás-os-Montes, associados à paisagem característica das zonas com castanheiros, criando sinergias entre as populações locais e os produtores. A criação desses trilhos e percursos pedestres potenciou o aparecimento de diversas unidades de ecoturismo e turismo rural, distribuídas um pouco por toda a área das DOP's e que conferem alguma dinâmica a estas regiões.

Por todos os motivos descritos, as **perspetivas** para o setor da castanha são deveras animadoras, com imenso potencial de crescimento no mercado interno e externo. Este crescimento dependerá, contudo, da realização de **investimentos na valorização do produto**, no **controlo de pragas e doenças** que afetam a cultura, na **inovação e adaptação às novas realidades climáticas** e económicas e na atribuição de **apoios para o aumento de área e para a modernização** da atividade.

6 ANÁLISE SWOT DA FILEIRA

A realidade da fileira da castanha é transversal a todas as regiões acompanhadas, pelo que se optou por uma análise swot conjunta, listando os principais constrangimentos e as principais mais valias desta atividade.

i) Pontos fortes

- Condições edafoclimáticas propícias à cultura
- Possibilidade de recurso à colheita mecanizada
- Médio/elevado poder de conservação do fruto
- Produto com grande valorização no mercado (em particular das variedades endógenas regionais), garantindo um bom rendimento aos operadores do setor
- Facilidade no escoamento da produção / exportação

ii) Pontos fracos

- Baixa produtividade dos soutos
- Reduzida mão-de-obra
- Envelhecimento dos produtores
- Ocorrência de incêndios
- Fragmentação das explorações (diversas parcelas, dispersas e de pequena dimensão)

iii) Ameaças

- Incremento dos problemas fitossanitários
- Dificuldade em fixar jovens na atividade (comprometendo seriamente o setor)
- Especulação de preços
- Concorrência de castanha oriunda de outros países
- Alteração dos hábitos de consumo

7 OPORTUNIDADES

Resultado da forte aposta que os operadores (nacionais e não só) têm vindo a realizar na promoção deste produto nas suas diversas formas, a castanha tem assumido uma maior visibilidade não só no mercado interno ou “da saudade”, como também em mercados onde tradicionalmente não era tão conhecida.

Seria importante dar continuidade a este esforço, intensificando a aposta na produção biológica (muito valorizada pelos consumidores do norte da Europa) e aproveitando a tendência crescente para uma procura de transformados de castanha do tipo “produtos tradicionais” (ex: em compota, cozida, congelada, reduzida a farinha) associada à alimentação saudável.

A diversificação das atividades agrárias – como o ecoturismo, a produção/recolha de cogumelos selvagens e o pastoreio extensivo nos soutos – permitem não só o aumento do rendimento dos produtores, como também a fixação de população nestas zonas do interior Norte, com grande tendência para a desertificação.